

Título: O Sorriso Daquela Garota

Denny Yang

Acho que essa vida é muito estranha, mesmo, e não adianta ficar pensando muito nisso porque, por mais que você pense, nunca vai achar uma resposta. Quer dizer, vai, vai; mas ela nunca estará certa.

Mas acho que, quando aconteceu tudo aquilo junto e eu quase entrei num profundo colapso – para não dizer coisa pior – eu devia estar naquela fase em que, pelos menos até onde eu sei, todo mundo passa por ela. Quer dizer, por essa fase estranha e, que você questiona não apenas tudo, mas principalmente todos. Mesmo aqueles que estão mais perto de você, assim como aqueles que você apenas sabe que existem. Aquela fase perto dos vinte anos de idade.

O estranho é que o meu modo de questionar se expressava por meios não muito usuais, e eu acabava sofrendo inutilmente sem conseguir dizer realmente o

que eu contestava; e tentava, tentava, e apenas conseguia lançar olhares: era essa a minha análise.

Não me lembro direito se era primavera, outono, ou verão. Mas me lembro muito bem que, quando começou a bater forte aquilo tudo, o tempo estava nublado, e ameaçava chover e cair o maior toró. E, mesmo com todas as previsões de tempo favoráveis a que isso ocorresse, não choveu, e ainda hoje eu me pergunto se, se tivesse chovido, as coisas teriam tomado o rumo que tomaram. De certo modo, é até meio estúpido isso, mas fico feliz por não ter chovido naquele dia, pois, de outra forma, vai se saber onde eu estaria hoje.

Para ser sincero, naquele dia nublado quando, pelo menos eu acho, a faísca do estopim daquela crise dentro de mim se acendeu, eu nem sabia o que iria me acontecer. E o mais estranho, nisso tudo, é o fato de eu conseguir identificar o momento, o estopim dessa minha revisão estritamente pessoal.

Pois acho que foi isso o que realmente aconteceu: uma revisão sobre meu modo de ser – ou talvez uma prospecção do que eu queria ser dali em diante, dos meus dezenove anos para o futuro. Mas apenas me vem à cabeça aquela mulher esquisita, que bateu no meu carro naquele dia em que ameaçava chover, um dia em

que eu não lembro se era inverno, primavera, ou qualquer outra estação, mas a mulher esquisita era - sim - quase como um referencial concreto sobre a partida desses acontecimentos inimagináveis.

Aquela mulher esquisita que, espero eu, apenas a verei novamente quando meu espírito estiver totalmente recuperado. Apesar de eu já estar bastante recuperado, neste momento em que relembro esses eventos, e em paz com essa mulher dita esquisita. De qualquer forma, a recuperação completa é já uma certeza, e preciso somente de um pouquinho mais de tempo – pouquíssimo tempo – para que eu supere essa energia negativa da qual eu vinha recebendo a partir daqueles dias antes de fazer vinte anos.

Energia negativa. Isso nada mais é, na verdade, do que as coisas que me fizeram quase cair num mundo escuro, sem vitalidade, de observações analíticas que ficavam apenas nos meus olhares.

Ou, talvez, pensando melhor, houvesse alguma vitalidade, mas apenas para digredir sobre as bobagens de uma mente que era - e creio que ainda seja – fenomenal. Não, não que eu seja superior a alguém, a você, nada disso. É que, simplesmente, nossa mente é fenomenal.

Mas vamos voltar àquela cena em que um carro de uma mulher extremamente esquisita – e essa é a única palavra que me veio à cabeça naquele dia, esquisita – vamos dizer, para facilitar as coisas, que ela simplesmente bateu no meu carro. Obviamente que não deveria ser apenas isso, mas não vamos complicar as coisas mais ainda do que já estão.

Porque, na verdade, eu também não sei se fui eu quem bateu no carro dela, assim... digo, inconscientemente; por mais que a batida fosse por trás de meu carro. Não, não é que hoje eu acredite que haja formas inconscientes de se fazer as coisas acontecerem, na verdade eu até acredito nisso um pouco, no inconsciente, de alguma maneira especial, mas muito complexa, mas vamos dizer que ela bateu no meu carro, de propósito ou não.

Eu estava absolutamente sem pressa, e absolutamente desligado de minhas funções cotidianas. Eu estava numa época em que a maioria – senão todas – as coisas que eu fazia requeriam muito pensamento. Eu estava um ser absolutamente pensante, não somente fazendo jus a minha humana condição, como também, admito sem vergonha, filosofando sobre o que acontecia a minha

volta. E, quando digo a minha volta, me refiro a tudo. Tudo mesmo.

De modo que eu precisava me desligar, em determinados instantes, e eu precisava romper um pouco com essa avalanche de pensamentos - que eram lógicos na sua grande maioria, no sentido de que eu era muito racionalizado - e, nessa onda de pensamentos e dúvidas sobre tudo, eu me desligava desconcentrando e me dispersando totalmente do meu próprio pensamento - mas eu fazia isso de um modo extremamente insalutar, errado, pode-se dizer até.

Eu me desligava de ficar pensando nas coisas *observando* atentamente o que se encontrava ao meu redor, analisando meu redor - e isso, na verdade, foi o que se tornou o único círculo vicioso do qual entrei - mas não preciso dizer que, tudo o que se encontrava a meu lado - e que eu dava uma real importância - eram as pessoas, e pode ser difícil de imaginar, mas eram todas as pessoas, e sem nenhuma exceção, que eu pensava a respeito nesse tom absorto e crítico e pseudo-analítico. Mesmo as pessoas que eu não conhecia.

Um carro verde, verde-claro, para ser mais exato, um modelo ultrapassado mas o carro bem conservado, uma mulher ruiva, de óculos escuros cobrindo toda a parte

onde se encontravam seus olhos e arredores e rugas adjacentes, uma mulher- sempre esquisita – que bateu em mim, e nem chover fazia.

Ela pegou exatamente no meu peito, pois, batendo na traseira do meu pára-choques, meu corpo foi bruscamente para a frente, o cinto de segurança sendo vital para que eu não sofresse conseqüências outras. Apenas a dor no peito, claro, já bastava. Mas, no final das contas, as dores foram mesmo outras.

Eu, ainda estava atordoado; eu havia parado, pois o sinal dava amarelo, o sinal daquele cruzamento de avenidas dava amarelo, eu parei o carro pois eu achava que seria de boa cidadania parar o carro num sinal dando amarelo-quase-vermelho, para um não-fechamento-de-cruzamento.

Lógico, eu não deveria ter parado (ou deveria, mesmo?), mas não foi apenas isso; eu estava naquela situação em que eu reparava em todos a minha volta, sempre nesse tom ultra-crítico, nas pessoas, e inclusive na ruiva esquisita, que já andava atrás de mim e de meu carro durante um bom tempo.

Ela própria – e principalmente ela – estava sendo vítima, naqueles momentos, de minha análise permanente. Podemos dizer, creio eu, que eu estava

ficando paranóico com as pessoas: eu conseguia enxergar algumas coisas – se prestasse bem atenção – e constantemente tentava penetrar na mente alheia. Apenas com meus olhares e num método de auto-observação.

As razões para isso? Diversas, e não é o caso nesse instante. Vale apenas realçar que eu estava analisando, pelos retrovisores do meu carro, aquela mulher ruiva que parecia adivinhar meus movimentos, por maior que fosse a minha consciência de que, ela, também, me analisava. Pois eu olhava no retrovisor, e ela sentia que eu a olhava, já que mexia nos cabelos. Ela mexia nos cabelos e eu desviava o olhar, tentando olhar para frente fixamente. Logo depois, eu olhava novamente pelo meu retrovisor esquerdo, nossos olhares se batiam mais uma vez, coincidentemente, era estranho como a minha mente fotografava um instante perdido no tempo: aquele olhar me focalizando, lá no meio de mim. Um olhar, talvez fosse essa a causa daquele acidente, eu pensava algum tempo ainda depois do acidente..

Eu me concentrava nela, o sinal veio amarelo e eu parei; ela se concentrava em mim - se infiltrando no labirinto pessoal e íntimo de minha cabeça – mais do que no trânsito ou no cruzamento. A dor no peito, as

peessoas me olhando sem saberem o que fazer, eu apenas concentrando em pedir as pessoas dali ajuda, um cara de óculos de grau, usando um boné preto e com cara de perdido vacilou um pouco, mas atendeu aos meus chamados semi-telepáticos, quando ele abriu a porta eu vi, então, do meu lado e com as mãos apoiadas no teto do carro, a janela abaixada do meu carro, a mulher ruiva me olhando de um jeito muito, muito estranho.

Ela não desgrudava o olhar, ela não piscava os olhos.

Ela simplesmente parou ali e ficou me olhando – por um, dois minutos, como se eu fosse um ser completamente esquisito – um ser até mais esquisito que ela própria –, como se eu tivesse antenas na minha cabeça, me olhando sem mais, nem menos, nem porém, nem nada. E nada ela dizia.

Parecia que ela tinha me adivinhado definitivamente, completamente – pelo menos fora isso o que senti naquela hora.

Claro que fiquei com medo daquela coisa toda, mas aposto que qualquer um ficaria na mesma situação. Uma mulher te encarando, como se fosse eu quem tivesse feito uma coisa muito errada, mesmo que fosse ela que tivesse batido no meu carro, mesmo que fosse apenas qualquer coisa, qualquer coisa, não: a culpa era toda

minha, e era isso o que ela dizia – e eu me sentia assim - com aquele frio e poderoso olhar.

Eu não sabia o que fazer, eu comecei a fingir que estava doendo muito o meu peito, e estava mesmo pra falar a verdade, se bem que não sofri nenhuma espécie de hematoma ou coisa parecida, era muito mais minha nuca que doía, pelo choque dos carros, e quanto mais eu fingia aquela dor do cinto de segurança no choque entre os carros, mais ela me reprovava, sem dizer palavra, mas com alguma sensação, alguma energia negativa me dizendo, “você quem causou tudo isso, e aguarde pelas consequências”, eu obviamente com medo, mas te juro que qualquer um temeria aquele olhar profético que a psicóloga ruiva me deferia. Pelo menos, naquela situação mental onde eu me encontrava

Mas isso, esse momento, essa situação na verdade foi muito mais rápida do que realmente fora: se bem que não para mim, nem para ela, nem para aqueles que estavam a minha volta; e quando digo a minha volta, você sabe: todos. E foi rápido se formos contar no relógio, foi rápido se, porventura, alguém tivesse cronometrado aqueles instantes, mas na verdade, não adiantava mentir, e não importam nossas noções de tempo, pois aquilo ali foi uma eternidade que mudou o

mundo completamente, e era assim como eu captava aqueles instantes naquele dia..

Sim, tudo muda o mundo completamente a todo instante, mas, às vezes, as mudanças são quase imperceptíveis, e às vezes elas dão uns grandes saltos, às vezes elas mudam completamente uma cabeça, ou um espírito forte, ou um sentimento guardado na iminência de estourar, às vezes... e quando isso acontece, as coisas mudam de tal forma que, se você não está preparado para isso, você pode se dar mal, mas muito mal mesmo.

E eu... eu não estava preparado.

“Rapazinho.”.

Eu fingindo que a dor era insuportável. Era, de fato – mas era outra a dor no peito.

“Rapazinho.”.

Vou te falar que aquela voz que saía de sua boca tinha alguma coisa de maligno. Não sei se era maldade ou algo do tipo, com certeza hoje acho que não, mas tinha alguma coisa que eu não conseguia identificar, era alguma coisa que, combinado ao seu olhar penetrante, penetrando nas profundezas de meus mistérios, era como se ela me tivesse hipnotizado – de certa maneira.

Eu, paralisado. Eu, sem saber qual a reação a ser tomada. Eu, morrendo de medo, solitário, e apenas uma mulher ruiva parecia me compreender, *ela* - de modo que foi a ela quem eu recorri.

“Você bateu no meu carro”, ela disse

“Me desculpe, eu estava...”.

“Como você se chama, rapazinho?”.

“ Eu...? É...”.

“Prazer. Meu nome é Sueli. Você está muito, muito machucado. Você levou um choque, e esse acidente parece que apenas potencializou o que estava acontecendo a você faz bastante tempo. Você precisa de tratamento.”.

Ela, me olhando. Agora, eu já estava completamente fascinado com aquele olhar redentor, aquela pessoa que tinha muito, muito poder, e poderia, apenas ela, me entender e me ajudar. Eu precisava de ajuda.

Mas ela disse “você bateu no meu carro”? Não sei, foi tudo tão rápido que, em algum instante, ou imediatamente, antes de eu conseguir pensar nesse detalhe, ela disse:

“ ... e você precisa de ajuda, garoto. E você sabe que eu posso te tratar, apenas se você quiser, apenas isso, se você quiser.”.

Eu não dizia nada, apenas concordava com a cabeça, eu não tirava os olhos dos dela, eu começava a entrar num transe que eu nem sabia como eu havia entrado...

Sim, eu precisava de ajuda, mas não tinham escoriações no meu corpo, apesar de eu estar machucado; eu precisava mesmo era de ajuda – ajuda para sair de minhas confusões, observações incompletas, análises não-fundamentadas pelos meus olhares acerca dos outros e de tudo.

Ela simplesmente me deu um cartão de visitas, dizia “Sueli Wladorf, psicanalista, doutora na Universidade de...”.

Psicanalista. Era ela quem eu precisava, agora eu entendia o que ela iria me tratar, ela iria me tratar dela e de mim mesmo, ela própria, pelo menos foi isso que eu senti naquela hora. Lógico que, de princípio, eu aceitei sem confusões ademais o seu cartão de visitas, concordei com a cabeça sem questionar nada, e só depois que eu pude e tive que racionalizar aquilo tudo.

Mas isso foi apenas... depois.

Ela disse que eu havia consolidado um negócio que já rolava fazia tempo, e fazia sentido naquele momento, pois fazia tempo que eu estava nessa espécie de transe do pensamento, e não apenas na hora do acidente do carro: talvez desde que eu havia ficado enfurnado durante dois meses, há um ano atrás, naquele casebre em Brasília. E daí que eu, querendo questionar a tudo e todos, querendo ficar pensando comigo mesmo, querendo achar o máximo de informações para que pudesse então alcançar um certo conhecimento que, para mim mesmo, ainda não era apropriado. Eu estava realmente numa época confusa.

Fui para casa logo depois do acidente, ainda era de tarde, eu me sentia como se tivesse encontrado uma pessoa que, ela, sabia a resposta para todos os meus

problemas. Ela era a minha salvação, e era apenas nisso que eu conseguia pensar durante todo aquele dia.

Eu precisava desabafar. No dia seguinte – no meu aniversário de vinte anos - eu ainda estava confuso; eu havia, logo depois de ver a psicóloga Sueli me falando aquelas coisas estranhas no dia do acidente dos carros, eu havia apagado de desmaiar dentro do carro, não sei se por medo dela, por medo de mim mesmo.

Eu achava que eu estava ficando louco, e deveria estar ficando mesmo. Começaram então a vir todas as incertezas quanto a psicanalista, quanto ao que ela havia me dito na hora do acidente, quanto a certeza de que ela havia me hipnotizado. Pois eu tinha botado isso na cabeça, que ela havia me hipnotizado, que ela havia penetrado totalmente na minha mente e me hipnotizado, eu tinha certeza disso porque ela tinha aquele olhar e aquela voz e aqueles gestos e aquela atitude que me fazia pensar que, psicanalistas, sim, são muito inteligentes, eu já achava isso, sempre havia achado,, mas ela deveria saber tudo o que eu estava procurando – ela -, e talvez até o que eu estava pensando a respeito dela.

Fiquei daí tentando rememorar os eventos que ocorreram depois que desmaiei: uma ambulância chegando, eu acordando com um cheiro de álcool num pano, eu ainda sentado no banco de motorista de meu carro, o enfermeiro perguntando “quer que chame alguém da família? Não se preocupe, você está bem...”, eu dando meu telefone de casa... e daí que realmente eu olhei para os lados, ao meu redor, e nada da psicóloga chamada: Sueli Wladorf.

Daí que eu pude acalmar minha mãe no telefone, eu estava bem, afinal, apenas tive um apagão... e ainda voltei para casa dirigindo, mas na verdade eu não estava nada bem: assustado com todos os eventos, com as coisas da psicologia, de ficar analisando e observando as coisas, com Sueli, que era o nome da psicanalista; e finalmente, às vezes eu sentia que a coisa toda do medo era comigo mesmo.

E no dia seguinte, acordei muito tarde, mesmo apesar de ter dormido cedo, deveria ter sido a batida do carro que me deixou cansado, e toda a situação que eu vivenciava. Procurei um amigo para conversar, mesmo sabendo que ele não me entenderia, e mesmo sabendo que, afinal de contas, apenas eu poderia decidir sobre o que deveria – ou não – ser feito: falar com Sueli.

Mas eu nem lembrava que era meu aniversário: duas décadas vividas. Simplesmente combinei com meu amigo em nos encontrarmos num bar: eram três horas da tarde e fazia o mesmo tempinho chato do dia anterior, era um bar que tocava apenas umas músicas sertanejas e que eu, pelo menos, abominava, mas nem tinha importância essas músicas, pois pareciam que todas as músicas, para mim, naquela fase, eram dignas dos meus maiores repúdios e abominações.

Estava sendo difícil de encontrar uma música que eu realmente estivesse disposto a escutar, e não apenas de escutar: de apreciar, de *ouvir*. Mesmo assim, alguma coisa nas músicas, mesmo as sertanejas, me faziam lembrar vagamente de algum momento especial ou alguém especial que alguma música profundamente me provera num passado distante.

Ceguei no bar um pouco antes que ele, o meu amigo se chamava Toninho, ele era o cara em quem eu mais confiava, mas não posso ser injusto, ele era um dos caras em quem eu mais confiava; pois muitos outros amigos meus eram confiáveis, de fato.

O Toninho chegou naquele bar quinze minutos depois do combinado, mas eu era um cara razoável, ele deveria ter ficado preso no trânsito, eu nem fiquei irritado, nem

com aquelas músicas sertanejas gritando nos meus ouvidos e todos aqueles executivos fazendo happy-hour de terno e gravata, mesmo as três horas da tarde de uma quinta feira, como se eu fosse um vagal sem nada de melhor para se fazer, e todos me olhando como se eu estivesse sozinho, carente, e sem ninguém para conversar ou mesmo para me ajudar...

Eu estava mal, eu achava.

E uma vaga lembrança do que era a palavra *música*, que eu não conseguia ouvir, muito menos escutar.

O Toninho chegou e eu me controlei muito bem, até, eu perguntei “onde você estava?”, ele disse que tinha acabado de sair do trabalho, eu ficava pensando nos porquês de eu sempre chegar pontualmente nos meus compromissos e encontros e ninguém nunca ligar para esse negócio de pontualidade.

Ele percebeu minha insatisfação, pois ele disse que teve que mentir para seu chefe que sua avó estava no hospital, doente, então tudo bom, era melhor nem ficar pensando nisso...

O Toninho então perguntou “você tá com cara de abatido, que aconteceu, aconteceu alguma coisa?”, eu levei minhas mãos à cabeça, eu não saberia explicar aquilo tudo que estava acontecendo a ele, era muito

complicado, e ele não iria me entender, acho mesmo que ninguém poderia me compreender.

Mas eu precisava dizer alguma coisa.

“Não sei, cara, não sei. Muitas coisas, muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo, acho que eu tou ficando louco”, e essa última palavra eu disse meio brincando, com um sorriso no rosto, e o Toninho deve ter pensado “ele está só brincando”, porque ele riu, mas na verdade eu não queria que ele risse, eu queria é que ele chorasse junto comigo...

“Quem é que não está ficando louco com esse puta trânsito nessa merda de cidade, só deixa as pessoas cada vez mais loucas...”, ele deveria estar pensando que eu ainda estava bravo porque ele havia chegado atrasado. Não, não era isso, Toninho, mas não adiantava, porque ele não iria me entender, e eu já havia destruído toda minha tentativa de desabafo, tentei então recomeçar novamente, afinal, para que eu havia chamado o Toninho se não para desabafar?

“Uma mulher louca bateu no meu carro, ontem, uma psicanalista.”.

“Viu só, essa merda de trânsito? É um absurdo isso, um cara mesmo bateu no meu carro na semana passada, e saiu do carro me xingando, querendo brigar, querendo

sair na porrada, olha só aonde a gente está chegando, e eu tive que sair do carro também, né, eu fui tirar satisfação, um puta dum babaca querendo brigar, o cara que bateu no meu carro..”

“E a psicanalista era ruiva, e usava uns óculos escuros nos cabelos, e ela tinha uns olhos claros muito, muito esquisitos...”

“E era bonita? A mulher?”

“Sei lá se era bonita, cara!! Ela era estranha, entende? Aconteceu um negócio estranho, ontem... ela parece que... ela bateu de propósito em mim..., ela ficou falando que eu precisava de ajuda, sei lá o quê..., que eu estava consolidando um negócio..., ela me deixou mais confuso do que eu já sou..., você sabe, Toninho, ultimamente eu estou ficando um cara confuso...”.

“Imagina, meu. Você sempre foi o cara mais esclarecido da turma, ninguém nunca te vê confuso, cara, não fica imaginando coisa que é isso que você tá fazendo, você tá imaginando coisa, esse negócio de que ultimamente você tá se tornando um cara confuso, quem você quer enganar? Só se for a você mesmo.”.

O Toninho era um amigo de tempos – doze anos de amizade nas costas Ele me conhecia muito bem, quer dizer, dentro do possível. Mas o negócio era que eu

estava ficando um pouco confuso comigo mesmo, eu tentava não demonstrar essa confusão, ela poderia prejudicar as pessoas a minha volta – eu achava.

Na verdade, essa época de confusão já vinha de um bom tempo, um ano mais ou menos, pois havia sido quase um ano atrás que tudo aquilo devia ter começado, e a faísca do estopim no acidente do carro, mas não adiantava querer resolver tudo isso naquela hora, bem, foi quando a minha irmã se internou naquela clínica de drogas, na verdade eu nem queria ficar lembrando dessas coisas, nem de quando eu fiquei dois meses sozinho numa casa do lado da clínica esperando que alguma coisa acontecesse. É, mas foi isso o que aconteceu, por mais que eu não quisesse lembrar: dois meses sozinho, pensando em como eu poderia ajudar minha irmã, e como eu poderia evitar que isso ocorresse novamente com outras pessoas, e principalmente como evitar alguma coisa de ruim com ela, mas era tudo inútil, eu nem queria me lembrar desse retiro que eu fiz comigo mesmo, mas acabei lembrando, pois, já que estou prestes a me recuperar totalmente, acho que lentamente já posso ir lembrando.

Enfim. No final das contas, eu nem consegui explicar o que estava acontecendo comigo ao Toninho, eu apenas

ficava prestando atenção no que rolava a minha volta, nas pessoas, no Toninho, nos executivos tomando chope e fazendo happy hour, no garçon de prontidão para o que eu quisesse pedir, de certa forma todos olhavam e prestavam atenção em mim. E quando demos tchau o Toninho mesmo só ficava olhando para trás, eu num caminho, ele noutro, e ficava olhando para trás, de esguelha, eu só sentia ele me observando, e nem deu parabéns pelo meu aniversário – que eu próprio não lembrava.

Eu precisava mesmo era de um bom psicólogo.

Pensando e pensando. Observando analiticamente com meus olhares as pessoas. Me auto-observando. Foi assim durante toda a semana seguinte. E, depois de uma semana inteira pensando durante um bom tempo a respeito do assunto, e coçando minhas mãos de ansiedade e incerteza, eu me decidi por fim em ligar para a tal da Sueli que tinha batido no meu carro, pois, afinal de contas, a gente tinha que discutir como é que ficaria esse negócio do pagamento do acidente, pois ela quem havia batido em mim e deu a parecer que a culpa não fora dela – fora minha.

Eu estava em casa, pensativo, procurando alguma coisa a se fazer, mas a semana inteira havia sido um saco e assim, procurando coisa a se fazer, fazia tempo que as coisas todas tinham sido um saco, tudo o que eu via era motivo de minha mais aguda crítica, a televisão, as rádios, os livros, minha família, minha irmã - que

aparentemente voltara a se drogar, pois eu percebia nela alguns olhares muito claros e reluzentes -, e nessa semana eu me drogava de vez em quando: eu bebia álcool, fumava de vez em quando, mas eu estava sem um poder de julgamento, necessário para aquelas ocasiões onde o barco está à deriva no meio do oceano, eu procurava um modelo, um modelo que pudesse fazer esse julgamento por mim.

E ainda por cima, eu estava de ressaca, em casa, da noite anterior, procurando alguma coisa para se fazer de ressaca... pois na noite anterior eu havia saído com uma turma de amigos da faculdade, eles eram todos legais - pelo menos era assim que eu os considerava antes de ir a Brasília, onde minha irmã estava naquela época, todos legais... mas era estranho como todos eles haviam perdido a graça, as coisas em geral estavam perdendo a graça, era isso o que acontecia.

Fomos numa boate, e chegamos lá às duas da manhã, todos bêbados, mas parecia que eu era o único sóbrio, mesmo sendo o que mais havia bebido. Eu estava infeliz comigo mesmo, como eu poderia beber tanto assim, o que eu estava fazendo, quem eu estava me tornando? Eu me questionava o dia inteiro de ressaca, e ainda com a mão coçando e procurando coisa a se fazer.

E eu ficava reprovando o que meus amigos faziam, eu ficava andando em círculos na sala, reprovando o tratamento que eles davam as pessoas, a nós próprios, os ditos “amigos” - eu estava me tornando um cara mais chato que todos eles juntos.

Mas eu nem conseguia reprovar uma determinada pessoa específica, ou seja, eu mesmo.

Enfim, nesse dia em que eu decidi ligar para a Sueli, eu acordei com aquela dor-de-cabeça terrível, e meio-dia minha mãe já me acordava, porque ela queria que eu fosse comprar uns remédios, porque ela estava doente, eu resmunguei, mas deixei pra lá, aceitei de prontidão, afinal, minha mãe estava doente, não?

Aproveitei, na farmácia, para comprar um remédio de dor-de-cabeça para mim, minha cabeça parecia que ia explodir, e durante o dia inteiro eu não conseguia parar de ficar pensando em coisas completamente abstratas, na vida, as relações sociais - a semana inteira, aliás, havia sido assim, por que acontecia isso ou aquilo, por que as pessoas agiam dessa forma e não daquela, e sei lá o quê, nossa, era muita coisa ao mesmo tempo.

Daí que eu voltei para casa, da farmácia, e minha mãe disse então que sentia que eu estava, também, doente, ela queria cuidar de mim mas ao mesmo tempo me

evitava, ela não admitia isso, que me evitava. Ela era minha mãe, era isso no que eu pensava, eu estava estranho e ela era minha mãe e *precisava* me ajudar. Eu estava me sentindo muito esquisito.

Eu disse isso para ela, isso que eu sentia que eu estava meio estranho, que eu estava numa fase difícil de entender, que eu estava passando por uma crise, e que eu estava revisando tudo, meus amigos, minhas músicas preferidas, e eu nem mais gostava de música, estava revisando meus gostos por tudo, pelo que era certo ou errado, e eu queria fazer o que era certo, só isso, o que era certo, mas que eu ainda não estava preparado, e que eu não sabia mas parecia que tinha algo a ver com minha juventude, e eu não poderia fazer tudo isso por mim próprio, ainda, eu precisava de ajuda, muita ajuda, “eu conheço um psicólogo, o Zé Carlos, lembra dele, a gente já foi jantar lá com ele uma vez?”, ela perguntou, eu disse que não sabia quem era, na verdade eu sabia, mas eu queria me tratar com a tal ruiva que se chamava Sueli.

Sem nada para fazer, e buscando coisa para fazer. E nada de útil eu encontrava durante o dia inteiro, e foi aí que eu peguei o cartão dela, seu cartão de visitas, estava na minha carteira, disquei o número, meu coração

disparou, desliguei antes de tocar o sinal de espera do telefone, disquei de novo, tomei coragem, meu coração palpitava.

“Sueli.”

“Oi, Sueli, aqui quem fala é o cara do acidente, lembra de mim?”

“Ah! Então você finalmente se decidiu, hein?”

“Pois é... eu queria saber se você tem algum horário que a gente possa fazer uma análise conjunta, eu estou com alguns problemas, mas não são problemas sérios, não, nada disso... eu estou... querendo fazer análise, estou querendo ter contato com essa área que você trabalha, entende?”

“Entendo. Entendo muito bem. Aliás, entendo você perfeitamente... mas... calma, calma... será que você pode vir aqui em casa para a gente conversar, fazermos uma entrevista? Ter um papo para definirmos nosso projeto?”

“Claro. Quando?”

“Quando você puder, deixa eu me ver. Minha agenda..., aqui. Semana que vem eu estou ocupada todos os dias, que tal na outra semana... não, o que você acha de amanhã de manhã, então... que tal? Oito e meia da manhã?”

“Tá certo, então, então tá bem, amanhã cedinho estou
aí.”.

“Então anota meu endereço.”.

Cheguei pontualmente.

Entrei na casa dela, a empregada me dissera para esperar e me sentir a vontade, eu sentei no sofá e fumei um cigarro - apesar de não fumar, ou fumar muito pouco -, eu estava meio nervoso, eu nunca tinha ido a um psicólogo, psicanalista, que seja; ela me jogou aquele mesmo olhar, depois que se despediu de seu paciente e eu, ainda estava sob os efeitos de seu domínio, e de sua hipnose.

Entrei em sua sala e conversamos longamente, durante duas horas.

Quando saí de sua casa, deixei meu carro estacionado sem o cartão de zona azul, e saí andando. Eu precisava andar. Precisava respirar.

Eu estava me sentindo bem, mas tão bem, tão livre comigo mesmo, ela era a minha droga mais poderosa que eu jamais havia experimentado. Eu não conseguia me lembrar ao certo sobre o que nós havíamos conversado realmente, de fato eu não conseguia nem queria me lembrar de nada do conversado, e só sei que aquilo tudo aquilo de vê-la e de me consultar com ela, Sueli, me deixou muito bem, eu estava solto e naquela hora eu apenas pensava que todos que passavam na rua, seja a pé ou de carro, seja no ônibus ou dentro de suas casas, todos reparavam que eu havia me drogado com aquela mulher que era muito, muito inteligente.

Fiquei com a impressão de que, com um pouco mais de tempo, e um pouco mais de análise, eu conseguiria resolver meus problemas. E, a despeito disso tudo, eu ainda me sentia sozinho, e carente de ajuda. Pois era, claro, uma ajuda artificial e forçada.

Quando voltei ao meu carro, muito tempo depois de andar a pé sem parar, depois de sair do consultório de Sueli, cheguei no meu carro e eu havia sido multado, já que eu estava sem o cartão de zona azul mas eu nem tinha dado a mínima importância a isso.

Afinal, eu pensava, era *apenas...* dinheiro.

De modo que fui me alienando do mundo real, ou fui aos poucos me alienando, e fui fazendo esse tratamento, durante dois meses, e era sempre a mesma coisa: eu fazia a análise, não lembrava de nada do conversado, e saía andando até o dia virar tarde; e, ainda por cima, eu acabava vivendo de certa forma em função da análise com a Sueli, e a única motivação que eu tinha para fazer as coisas práticas que minha vida demandava era em vista de fazer para ter o que conversar com ela, a Sueli, e de qual o significado que tiraríamos a partir daquilo. Eu procurava significados, nas horas de análise, e logo depois apagava tudo da minha cabeça, que precisava urgentemente, talvez, ser esvaziada.

Sempre eu havia sido fascinado por psicologia, pelo estudo das pessoas, eu achava que tudo se resumia as pessoas, e talvez até hoje eu ache isso, de certa forma.

E a Sueli, ela supria minha necessidade. De falar; de conversar; de viver.

De todo modo, eu estava ficando na minha vida ensimesmado e cada vez mais só, meus amigos se afastavam de mim, ou eu que na verdade me afastava deles, eu não conseguia tirar nenhum significado de nossas relações, eu achava tudo medíocre, tudo me deprimia, todas as atitudes egoístas, toda a falta de sinceridade, de solidariedade, parecia que eu era a única pessoa a enxergar essa crise em que estávamos todos nós atolados – eu e a Sueli também enxergava isso.

Era estranho, contudo, pensando melhor, como eu nunca me lembrava das sessões de análise que fazíamos, assim que eu saía de seu consultório, e da consulta, e sempre eu me punha a andar nas ruas e arredores por muito tempo, quando saía de lá, até a manhã virar tarde, mas na época eu nem me ligava desse fato.

Apenas, eu sentia um alívio – um alívio tão forte, como se eu tivesse respirando depois de prestes a me afogar -, e, além de eu não lembrar de nada do que conversávamos, eu simplesmente andava, e andava, e andava.

E o pior de tudo: foi quando eu comecei a imitá-la e mimetizá-la. Daí que as coisas, que já estavam no limite, atingiram um limite insuportável. Eu, então, queria não sei se superar, mas pelo menos alcançar o

mesmo nível de minha mestra. “Sueli Wladorf, doutora pela Universidade de...”.

Analisava, então, a tudo e a todos sem vergonha de ser assim, por mais que os outros tivessem vergonha de ser analisados por mim. Eu queria ter o mesmo poder que Sueli.

Comecei por analisar meus colegas; depois de um tempo, meus amigos; até passar para meus melhores amigos, e, depois, para minha família; e até as pessoas que eu nunca havia visto na minha vida.

Era tudo, claro, uma questão de saber tirar o significado das coisas, era tudo uma questão de racionalizar o que acontecia: os gestos, os olhares, as expressões, o linguajar. E eu usava primordialmente meu olhar para analisá-los.

Começava aos poucos a achar que somente assim eu conseguiria atingir um nível superior, apenas assim eu poderia colocar em prática o meu potencial – tudo aquilo que eu havia aprendido com Sueli, de um jeito estranhamente inconsciente -, era questionando tudo e, principalmente, a mim mesmo. Eu queria um bom futuro para mim mesmo, era isso o que eu pensava.

E eu não sei o porquê dessa minha necessidade extremamente fora-do-comum que eu estava tendo de

ser maior que os outros, já que desde sempre eu havia sido uma pessoa simples, mas o que estava acontecendo é que eu estava perdendo minha individualidade, ao fazer isso de analisar e tentar ajudar todas as outras pessoas.

Ou talvez – até então eu achava -eu estivesse apenas adquirindo uma tal consciência individual e dubitável que estava sendo difícil de conciliar com o restante das pessoas, eu queria mais e mais produzir, mais e mais aprender, mais e mais analisar.

Se o que eu queria era evitar que as pessoas passassem pelos problemas de minha irmã, que se internara há mais de um ano numa clínica em Brasília para drogados, eu não sabia direito... e acho que, no fundo, era muito mais ajudar eu próprio que estava lá, meu passado, numa casa ao lado da clínica em que ela se instalara, durante dois meses, do que ela em si. Não apenas construir um futuro de mim, mas de apagar ou talvez reconstruir meu passado. Apesar de que aquele eu de antes já era, já havia sido, já havia tornado esse cara obcecado pela Sueli, a maior mestra - uma mestra silenciosa – a pessoa mais poderosa com quem tive contato até então.

E estava dando tudo errado.

Apenas eu que não conseguia entender isso.

Eu queria a atenção de todos – talvez fosse alguma forma de exprimir os sentimentos da solidão que me assolava, assim como todos os olhares que eu lançava pressupunha uma súplica de ajuda.

Eu não precisava disso, desses olhares que eu lançava, pois isso tudo estava errado, e apenas quando tocou uma música na rádio, uma música que realmente eu pude ouvir, apreciar, *escuta r*– um fato, assim, aparentemente sem nenhuma ligação com nada, mas talvez por isso mesmo algo que tivesse valor naquela fase -, na rádio do carro, numa viagem de volta da praia, de Ilhabela, e só então que eu comecei a descobrir a farsa em que eu próprio havia me metido.

Eu tinha sido convidado por uma amiga que estudava psicologia e estava no último ano de faculdade para ir a Ilhabela, eu não falava com ela já fazia tempo, mesmo

assim ela me ligou e fomos até a praia, ela e um pessoal. Na hora, meu mal-humor contra tudo e todos era maior do que tudo, e digo de cara que até então havia sido a pior viagem de minha vida - salvo a música e... a garota da faculdade, ... e a música que tocou na viagem de volta à São paulo

Pois foram quatro dias de um feriado prolongado – e bota prolongado nisso.

Eu estava achando aquilo tudo, aquela viagem toda, aquela obrigação de ter que viajar com amigos num feriado, tudo aquilo um saco.

Eu estava achando os amigos de minha amiga, todos um saco, e ela estava ficando também *insuportável*, ela não parava de tentar ficar me analisando a toda hora, me observando escondido, e mesmo descaradamente, eu odiava ser observado e analisado – por mais que observasse e analisasse os outros já fazia um bom tempo, com meus olhares.

E parecia que todos, na viagem inteira, naquela casa de sala pequena e cozinha que era um fogão, apenas, e um quarto só para todos nós, seis pessoas, parecia que todos não paravam de me observar. Eu sentia isso, eu ficava puto, era isso o que eu exprimia com meus gestos e meus olhares.

E eles todos ficavam rindo sempre, e conversando sempre, e eu só ficava num canto da sala, sentado no chão, fumando um monte de cigarros e nem fumar, direito, eu fumava, e eu só queria ir de novo no consultório da Sueli, saber o que ela me diria, reclamar para ela desses idiotas que estavam naquela sala na minha frente, rindo, e eu queria sair andando e andando e andando do consultório de Sueli, assim que acabasse a sessão, e daí eu apagaria tudo o que tínhamos conversado, e daí voltaria a viver para ir novamente lá, num outro dia.

Um dos caras levou um violão, lá, tocando umas músicas chatas-para-burro, que eu não suportava, eu não estava suportando nenhuma música, ainda mais essas músicas de violão na praia, apesar de que nem na praia eu fui, nem botei meus pés ali. Aliás, eu nem saí da casa em que estávamos, só uma vez para comprar quatro maços de cigarro, sozinho.

Daí as pessoas, lá em Ilhabela, ficavam perguntando “porque você não come?”, “o que você está tendo, é alguma coisa?”, e eu não tinha o mínimo saco de responder, só fechava minha cara e olhava para o lado, às vezes ria sozinho, sim, eu estava no fundo do poço. E o poço, sim senhor, poderia ir mais fundo ainda.

Os poucos momentos que tive sozinho na viagem
foram um alívio imenso.

E na viagem de volta. E a música do rádio. Na viagem de volta que eu comecei a cair novamente no mundo real. De ver o quão doente eu estava. De ver que eu estava lá no fundo, e que poderia cair ainda mais se não subisse – ou tentasse subir.

Na viagem de volta que eu me realizei que a cura não estava em nenhuma psicóloga, em nenhuma pessoa, até: nem em meus amigos, nem em meus pais, nem nas pessoas que eu nunca havia visto. Ela estava em mim mesmo, no meu passado aparentemente mal-resolvido, no meu futuro que ainda não havia sido construído, e no presente daquela música, que por si só já era meu melhor presente de aniversário – eu havia feito vinte anos dois meses atrás e nem tinha me dado conta disso.

E comecei a sentir isso tudo quando escutei uma música – no carro, na volta de Ilhabela- que me lembrou uma garota que eu tinha uma especial atenção, um especial afeto.

O trânsito que pegamos na viagem de volta – demorou, ao total, treze horas para voltarmos a São Paulo – foi crucial para que eu voltasse ao normal, acho.

Eu estava no banco de trás, me enlouquecendo – coletivamente -, pois as quatro pessoas que eu acabara de conhecer na viagem, e que, de algum jeito, pareciam me temer, ficavam reparando em tudo e em todo movimento que eu fazia, mesmo eu sentado no banco de trás, eles me olhavam de relance, pelo canto do olho, eu estava ficando louco de raiva pois não tínhamos nada a conversar, eles tinham medo de falar algo que pudesse me desagradar, eu não estava tendo medo de ser incompreendido com meus problemas.

E daí... daí tocou aquela música... aquela música, na rádio, no meio da estrada que estava literalmente parada... e o carro em silêncio absoluto... e era uma música calma, linda, que me lembrava uma garota que eu tinha um especial afeto, uma garota que eu havia conhecido quando eu ainda fazia algumas aulas na literatura, como ouvinte...

Um dia, a gente sentou para tomar umas cervejas, lá mesmo na faculdade, e tocava aquela música que era linda, linda mesmo, de morrer.

E não sei se por conta da música, eu acho que não, não sei, a música não dizia nada, eu não entendia a letra, o que importava era aquele momento, que se eternizava com a música, a gente tomando cerveja, ela quieta me

escutando e escutando a música que tocava no bar da faculdade, eu falando sem parar, escutando a música, ela me passando uma paz que poucas vezes eu havia sentido tão profundamente, e eu me esforçando por congelar a música para sempre dentro de mim, naquele dia, eu percebia, e levar junto comigo, para sempre, a garota e esse *eu do passado*.

E a música tocou no carro.

O início de minha saída, foi o início de minha superação, da luz, que apenas poderia se dar comigo mesmo, e comecei a chorar no carro, sozinho, apenas comigo mesmo... e ninguém havia me dado parabéns pelos meus vinte anos, eu me toquei em determinado momento daquela música, mas isso não importava, importava aquela garota, aquele eu, que eu tentava agora descongelar dentro daquele carro...

Mas... aquela garota, aquele olhar sincero, aquela bondade que me transmitia, aquela música que me fazia lembrar de todas aquelas emoções, a música cristalizada em alguma noção do tempo, e toda aquela paz, e foi aí então que eu comecei a me lembrar, lembrar dos meus momentos bons de verdade, para valer, foi daí então que eu comecei a ver graça nas coisas, e então que eu senti uma felicidade enorme em estar vivenciando aquilo

tudo, pela segunda vez, a garota que estudava literatura apaixonadamente, que conversava como ninguém jamais conversara comigo, que me oferecia cerveja rindo do que não havia para rir, e ela ria, e ria, ria, e se divertia com tudo naquele carro, com qualquer coisa, até comigo ela parecia se divertir, juro por Deus! E eu ria de volta, por dentro, mas só pro dentro, pois...

E este foi o último transe que eu entrei, porque depois que eu comecei a chorar - mas por dentro eu estava sorrindo para aquela garota do passado -, e quando percebi isso que... saí, que saí do transe, que me bateu uma vergonha do tamanho de um bonde, porque eu estava chorando no carro, e todos me olhando, e uns aos outros, mas não temendo a mim, não, e sim sem saber como agir, e eu, por dentro rindo e pensando em Deus, e daí que saí mesmo do transe, ou da hipnose da Sueli, como pensei no momento, ou do acidente do carro e das besteiras de ficar analisando os outros pelos meus olhares, ou mesmo saí do casebre ao lado da clínica onde minha irmã se internara já fazia mais de ano, onde eu havia me enfundado durante dois meses sozinho e chorando todos os dias, e daí que comecei a falar sem parar, com o pessoal do carro, depois que a música no carro finalmente terminou, falei um monte de coisas que

não tinha a mínima importância para a verdade desse universo, nem para que eu descobrisse os mistérios da vida, e mesmo assim eu me sentia muito bem em falar esse monte de futilidades, e eles dois na frente e os outros três atrás, eles me acompanhando na conversa, a conversa fluindo muito agradavelmente, com graça, com humor, e falamos dos últimos dois meses que eu estava passando...

Descobri, no meio da conversa, que todos eles estudavam psicologia, não apenas minha amiga, e fiquei conversando sobre meus últimos eventos, desde que bati o carro em Sueli – ou melhor, ela bateu em mim, como era muito o trânsito na estrada, tínhamos muito para conversar, “você bateu nela ou ela quem bateu em você?”, alguém perguntou, “ela bateu em mim... e ela nunca pagou pelo acidente”, eu disse a eles e todos eles riram...

E me veio então todos os último meses na cabeça a partir daquele instante.

Os últimos dois meses, assim, de repente, como um filme muito rápido que se degusta aos poucos com a memória, e fui lembrando desde o dia do acidente, até o dia do bar com o Toninho, minha mãe doente, minha irmã voltando a se drogar, mas ela não estava se

drogando, agora eu percebia, eu indo na Sueli, e daí que, só daí, comecei a lembrar das sessões de análise com a Sueli, e de seu conteúdo. E então que desbloqueei da minha memória algumas frases dispersas que, durante esses dois meses, Sueli disse para mim, uma hora ou outra.

“Então você acha que está ficando louco?”

“Então sua irmã se internou em Brasília?”

“Parabéns por seu aniversário atrasado!”

“Então você ficou fascinado por mim, obcecado, como você mesmo diz?”

“Então você fica analisando os outros, como você mesmo diz, mas sem conversas, apenas com seus olhares?”

“Então você idealiza uma garota que conheceu faz tempo, na época que estudava literatura? E nunca namorou com ela, apesar de ser apaixonado por ela e ela te dar bola? Vocês sempre conversavam? Como eram os papos?”

“Como é ter uma irmã mais velha, uma figura feminina sempre presente em sua vida?”

E era tudo isso que o filme passava na minha cabeça, a Sueli me perguntando todas essas coisas, cada coisa em um dia determinado, não tudo junto, mas ela

realmente pôde me conhecer, ou ir conhecendo. E isso me deixou muito feliz.

“Então essa música...”, perguntava minha amiga, no banco da frente do carro, pois eu comecei a revelar o conteúdo do que realmente eu estava pensando, comecei a dizer claramente em palavras, “sim, essa música me lembra dessa garota, que nunca namorei, mas que eu era apaixonado”, e minha amiga dizia os nomes de vários cantores que já interpretaram a música, a tal música...

“Então você acha que eu te hipnotizei?”

E voltava na minha cabeça as perguntas de Sueli no filme dentro de minha cabeça, mas eu conseguia agora separar bem as coisas, eram apenas imagens, imagens de minha memória, e eu estava sorrindo, quase como a garota que sorria ao meu lado, na época que eu estudava literatura como ouvinte... e que se fora para sempre, a garota, depois que eu a descongelei no tempo, ficando apenas eu próprio, naquele *presente*.

E conversamos, e conversamos. Durante treze horas. Foi o tempo que durou toda a viagem de volta de Ilhabela, e aos poucos, fui voltando ao normal, ... e fui organizando, coisa que estou fazendo até agora; e, claro, tentando colocar cada objeto da estante em seu devido

lugar; sem pensar muito naqueles problemas infinitos de se resolverem.

Quando voltei finalmente para casa, chovia, e muito. Chovia o maior toró, e chovia tudo o que não choveu no dia do acidente do carro com Sueli.

Coloquei minha mochila no sofá, eu ainda estava todo molhado da chuva, e com um sorriso no rosto, e dei um abraço na minha mãe, beijei minha irmã na bochecha – imagina, ela não havia voltado a se drogar, como eu imaginava, e eu achava que com os olhares eu poderia adivinhar coisas, eu pensava quando minha irmã sorriu de volta e disse que eu estava com uma cara ótima -, e a primeira coisa que fiz, pois já eram oito da manhã, foi ligar... para a Sueli.

Ninguém atendia, ela devia estar me esperando em seu consultório, já. Eu estava atrasado para nossa sessão. Tentei ligar novamente, meu coração disparou.

“Sueli”

“Oi...”

Sim, agradei a ela por tudo o que ela havia me feito; por todas as sessões, que já estavam pagas adiantadamente; “você então não vem mais?”, “estou pensando seriamente em parar, mas muito obrigado por

tudo, pelas conversas, e tudo”, “está tudo certo, viu, o pagamento”.

Sim, o pagamento.

Eu estava me recuperando aos poucos, voltando ao normal. Vi, naquele momento, antes de desligar o telefone com Sueli, que eu havia feito uma imagem de Sueli que nada tinha de real, apesar de sua ajuda, extremamente necessária para mim naquela fase. Que o acidente do carro era apenas o estopim da crise, uma crise que talvez tivesse até a ver com minha idade. Que ela era mais uma pessoa, mais um humano, neste planeta, assim como eu.

E então que fiquei na dúvida, antes de desligar o telefone, se eu cobrava dela o acidente de carro – que ela bateu na minha traseira – ou não, já que eu chegara a acreditar, e desconfiava, que ela havia batido em meu carro de propósito, com alguns poderes hipnóticos, mas isso tudo era a besteira de meus pensamentos, dessa mente humana, nossa, que é fenomenal, e que por isso mesmo, produz também muitas besteiras...

E antes de desligar o telefone e dizer tchau, consegui deixar para lá essa questão, do pagamento do acidente dos carros.

Afinal... era apenas dinheiro.

